

O MUTUALISMO COMO FORMA DE RESILIÊNCIA CAMPONESA NA COMUNIDADE SÃO JERÔNIMO: Limeira D' Oeste- MG

Mônica Arruda Zuffi¹

Resumo

O Brasil rural há tempos, vem passando por grandes transformações. O agronegócio, pivô dessas mudanças no setor, tomou uma proporção importante e acabou abrangendo imensas áreas. Os camponeses, buscando se adaptarem a essas transformações, desenvolveram estratégias que lhes proporcionaram suportar a falta do suporte público e se readequarem às mudanças que vem surgindo. Exaltando assim, seu caráter resiliente na capacidade de lidarem com as mudanças e imprevistos, o mutualismo aparece enquanto forma de se movimentarem no espaço através de um processo de negociação pautado no compromisso social acordado entre eles, lhes permitindo uma certa segurança em um mundo que não transmite esse valor. Para desenvolvermos uma leitura fina daquele grupo social, estabelecemos debates sobre a resiliência, modo de vida, mutualidade, reciprocidade sociabilidade, dentre outros para compreendermos as lógicas camponesas, considerando as suas diferentes temporalidades sociais.

Palavras-chave: Camponês. Resiliência. Mutualismo.

Introdução

No Brasil, observamos comunidades tradicionais que (re)existem às reformulações econômicas e sociais. No Cerrado Mineiro, estudamos grupos de camponeses que mesmo pressionados pelo setor sucroenergético, cultivam a sua existência a partir de condições socioculturais tradicionais, representando uma parcela importante da diversidade sócioprodutiva e cultural do campo brasileiro.

Compreender as estratégias e razões que permitem esses sujeitos (re)existirem em seus territórios cercados pelas grandes lavouras de cana-de-açúcar, nos levaram a priorizar no Cerrado Mineiro o município de Limeira do Oeste, onde analisamos a resiliência de um grupo de camponeses a partir de mutualidades decorrentes de seus modos de vida.

Na pesquisa que durou dois anos, foram realizados vários trabalhos de campos, onde buscamos dialogar com essas pessoas objetivando conhecer, em profundidade, o conjunto de suas experiências sociais e culturais com o território, comunidade e pecuária leiteira.

¹ Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia. Email: monicazuffi@hotmail.com
Projeto de pesquisa apoiado pela FAPEMIG durante o curso de mestrado.
Este texto foi desenvolvido em coautoria com meu orientador o professor Dr. Rosselvelt José Santos.

Nas vivências estabelecidas, observamos e analisamos os usos de modernas tecnologias, associadas às práticas sociais antigas, envolvendo a comunidade. O uso negociado de maquinários e da força de trabalho familiar impressiona, pois delas deriva várias estratégias de envolvimento das famílias, fundamentando elementos da resiliência camponesa.

A ajuda mútua é praticada, fazendo parte das várias instituições que eles recriaram para continuar existido enquanto camponeses. As relações de vizinhança, redefinidas para atender novas demandas, vai lhes possibilitando administrar seus recursos monetários sem depender de linhas de crédito.

Na resolução das suas tensões cotidianas, aquele camponês aciona relações orgânicas fundamentadas na sua cultura, na ética e na moral religiosa. Esses fundamentos transbordam para as relações com a terra, criando condições para a prática do mutualismo. Essa compreensão do princípio básico de comunidade é discutida por Kropotkin, na qual ele sustenta a tese de que a ajuda mútua é um fator da evolução dos instintos morais, uma lei da natureza, para ele, essa ajuda é um instinto que vem se desenvolvendo lentamente entre animais e entre seres humanos no decorrer de uma evolução extremamente longa e que ensinou a força que grupos sociais podem adquirir com a ajuda e o apoio mútuos. (KROPOTKIN, 2009, p. 14 - 15)

É nessa percepção de solidariedade humana, que objetivamos estudar o camponês da comunidade de São Jerônimo, no município de Limeira do Oeste, no Estado de Minas Gerais. Assim, é a partir de suas práticas cotidianas que discutimos as suas ações territoriais, bem como a sua ciência em reconhecer que a força de todos dentro de um senso de equidade poderia levá-los a considerar o outro como um fundamento necessário no processo de promover a sua existência camponesa no lugar.

Pensar em práticas sociais relacionadas à mutualidade nos dias atuais é compreender que entre os camponeses do lugar São Jerônimo existe uma vida comunitária, repleta de resíduos sociais, implicados nas várias dimensões da vida, inclusive culturais. Segundo MENDONÇA (2016)

O resíduo pode, entretanto, ser apresentado como algo útil em situações econômicas dispare (nos momentos de crise ou carência de recursos), em diferentes momentos históricos (como no reforço do reaproveitamento de materiais durante as guerras) ou como algo importante, mesmo que não tenha utilidade, quando objetos são preservados pelo seu valor afetivo/sentimental. O resíduo é, portanto, uma classificação variável, característica importante de ser ressaltada. (NEVES; MENDONÇA, 2016. P. 155-156)

Contudo, essa característica proporcionou modernizações na pecuária que foram sendo introduzidas a partir de adaptações na própria propriedade camponesa. A resiliência dos camponeses de São Jerônimo é discutida relacionada ao modo de vida deles. Ela indica diversidades de lógicas e temporalidades sociais. Na comunidade, eles aprenderam a interpretar os ciclos do Cerrado, criando formas de mutualismo que são acionadas para enfrentar as várias imposições da vida, sobretudo as naturais, do mercado, do Estado, do espaço e do lugar.

O estudo da resiliência também nos possibilitou compreender como essas pessoas criaram suas saídas, enfrentando, contornando, abreviando ou mesmo ignorando as imposições do cotidiano. Bekers (2007), afirma que o pensamento que considera a resiliência contribui para uma análise abrangente que ajuda a avaliar os riscos das relações homem-natureza.

Na resiliência, para os sistemas sociais, existe um componente adicional crítico, a capacidade de adaptação, que é a capacidade humana de antecipação e planejamento para o futuro. (SALAZAR, 2012, p. 19)

Assim, a partir das estratégias estabelecidas na comunidade, principalmente relacionadas às práticas camponesas, analisamos como a pecuária leiteira praticada por aqueles camponeses, permeia por entre os processos de modernização e industrialização organizados pelos laticínios. No interior das famílias, com seus próprios mecanismos de resiliência, os camponeses agem para se manter no lugar usando de aprendizados e saberes que foram contraídos ao longo de suas experiências com o gado leiteiro, vizinhos e comunidade.

Nesta pesquisa, procuramos nos dedicar a compreensão do conjunto de sistemas que (re)definem a resiliência do camponês da Comunidade São Jerônimo. Nossas investigações se debruçam sobre os conteúdos socioculturais que compõem as relações, ações e reações desses sujeitos, resultando em solidariedades, reciprocidades, em certa medida, efetivadas pelas trocas simples e a ajuda mútua. No conjunto elas contribuem para explicar como eles alimentam seu gado nos longos períodos de estiagem, mantendo trabalho e renda aos seus familiares.

A agricultura camponesa: Ressignificação e novas formas de existir no lugar

Em meio a tantas mudanças no território camponês, práticas socioculturais, como diversificação, pluriatividade e mutualismo, parecem fazer parte do seu modo de vida. O estudo

desse universo camponês foi sendo percebido também a partir das suas lógicas sociais e de produção.

A lógica social desses sujeitos é repleta de complexidades, visto que conhecimentos, saberes e superstições se misturam em distintas combinações. O uso de tecnologias, por exemplo, nunca é estabelecido dissociado dos saberes e dos fazeres relacionados aos seus modos de vida. No caso da atividade leiteira, estão presentes máquinas que reúnem tecnologia moderna e, conjuntamente com suas habilidades, aparecem no uso do espaço de forma relativamente autônoma.

Ao considerarmos suas diferenças e particularidades, no que diz respeito ao camponês e à renda obtida com seus produtos, pensamos, então, sua existência a partir das condições socioespaciais vividas no lugar, por assim dizer, a partir da conduta produtiva cheia de estratégias que indicam formas de conquistarem o mercado por meio de suas culturas de existir exponencialmente.

Neste processo há de se considerar que eles não estão totalmente livres do uso de artifícios tecnológicos modernos. Sem dúvida, há emprego de ciência, no entanto, não é algo que gera uma total dependência.

A produção que eles alcançam indica suas condições relacionadas à capacidade de desempenharem suas habilidades no uso de novos maquinários e equipamentos, estabelecendo amplas associações com saberes e fazeres baseados na sua cultura: *As vezes o silo que nois fez é pouco, nós vai acrescentando ração pra rendê².*

Nessas práticas, o camponês incorpora além da razão balanceada o melhoramento genético do gado e de algumas plantas, para obter resultados que atendam às suas necessidades e também formas de se relacionar com o mercado local e regional.

O camponês revela-se, no lugar, um sujeito social, e em suas particularidades são percebidas necessidades pontuais. A tecnificação da produção familiar é, sem dúvida, uma das tantas necessidades. As novas determinações dos laticínios são pensadas e interpretadas em graus distintos de articulação ambígua com as imposições do mercado. *O povo precisa de uma ordenhadeira, de um trator pra auxilia a gente na lida... As máquina não é pra ganha dinheiro, é uma precisão, uma coisa de necessidade das mais necessária³.*

² Camponês número 2 sobre a silagem e as formas de trato do gado.

³ Fala do Camponês número 4, sobre o uso de maquinários.

Sendo o uso de ração, máquinas, equipamentos e melhoramento genético (animal e vegetal) uma necessidade, a aquisição dessas tecnologias liberta o camponês de imposições de ordem bruta e lhe possibilita condições para estabelecer certa autonomia para negociar e trocar o uso delas entre vizinhos, permitindo melhores condições de existência.

Destarte, mesmo usando modernas tecnologias, observamos camponeses que não romperam com o mutualismo e a reciprocidade. Eles têm conseguido estabelecer, com os vizinhos, formas de se reorganizarem no lugar, incluindo as conquistas tecnológicas e o trabalho familiar em um sistema de trocas que lhes permitem, por exemplo, contar com o trator do outro para fazer os silos.

O trator é uma máquina muito cara. O povo não empresta, mais troca serviço de trator por serviço manual e também de trator. O povo vai fazendo assim: na época de faze o silo e vou e ajudo o vizinho a faze o dele e depois o vizinho vem pra fazê o meu.⁴

Com o uso negociado das tecnologias, eles administram melhor os seus recursos monetários e o seu tempo. O modo de trabalharem, entre várias outras medidas, indica racionalidades novas e antigas que reincorporam relações de troca na vizinhança, inclusive na atividade leiteira. Isso também indica que esses agricultores têm pensado em ações que não os deixam alienados em práticas sociais e produtivas, novas ou antigas. *O povo que usa o trator é nosso vizinho, mais também se precisa, usa a enxada, a matraca... Na ordenha é a mesma coisa, se não tem energia, faz no manual⁵.*

Com relação à comercialização dos seus produtos, a tática é ser livre de atravessadores. Quando o sujeito passa a produzir com o objetivo de adentrar o mercado que existe na cidade, por exemplo, ele tende a também se tornar um comerciante que atua no mercado local. Além disso, em alguns casos, ele mesmo faz todo o beneficiamento de seus produtos. Quando isso acontece, ele mantém o controle do processo de produção e da forma que ele irá comercializar seus artigos. Tratamos, assim, como sendo um conjunto de atividades econômicas e produtivas, que podem, ou não, estar ligadas ao cultivo da terra e que são denominadas de pluriatividade (SCHNEIDER, 2016).

No município de Limeira do Oeste, em algumas propriedades, a pluriatividade acontece entre produtores rurais que têm na família uma possibilidade de realizar diversas atividades, não especificamente relacionadas à produção in natura, mas todo um processo de produção que

⁴ Diálogo com o Camponês número 5 da comunidade de São Jerônimo sobre o porquê de eles se ajudarem.

⁵ Fala do Camponês número 2 da comunidade de São Jerônimo a respeito da ajuda mútua.

segue lógicas próprias. Por exemplo, temos produtores de verduras e legumes que perceberam um nicho de mercado demandando produtos livres de agrotóxicos, os orgânicos, o que se apresenta como uma oportunidade de melhorar a renda familiar. Também existem as iniciativas ligadas às tradições, de modo que alguns camponeses, no município de Limeira do Oeste, confeccionam produtos ligados aos seus roçados, como pamonha, queijo e outros quitutes vendidos no mercado local.

São iniciativas como essas que representam a diversificação das atividades camponesas, bem como a incorporação de mais trabalho familiar aos seus produtos. Trata-se de uma tomada de consciência que gera estratégias de adaptação na comercialização e divulgação das suas habilidades socioprodutivas.

Trata-se, ainda, de iniciativas de camponeses que vivem várias tensões. Como saída, eles vão gerando novos produtos para conquistarem um contingente maior de consumidores. Essa capacidade de se adaptarem as imposições do mercado contribuiu para se pensar na autonomia camponesa, em produzir e comercializar os seus próprios artigos agropecuários.

Considera-se que os camponeses estão atentos ao que acontece ao seu redor e seguem desenvolvendo práticas sociais que tendem a funcionar como formas de proteção da família, tornando-os menos vulneráveis as mudanças climáticas e oscilações do mercado. Assim, além de diversificarem a produção, também criam e recriam relações de mutualidade e reciprocidade na comunidade.

Ao longo dos trabalhos de campo, observamos que essas práticas sociais são recorrentes. Utilizadas para suprirem suas necessidades e, ao mesmo tempo, para fomentar novas habilidades camponesas, elas contribuem na demarcação dos seus territórios e, neles, anunciam possibilidades de se pensar o espaço por diferentes formas de existência.

No campo das possibilidades, observamos na comunidade diversas formas dos camponeses adquirirem e usarem as novas tecnologias. Na elaboração de silos, ao estabelecerem trocas de serviços de trator, eles incorporam as tecnologias deles e dos vizinhos. A troca também lhes possibilita estudar o mercado e, nele, aquilo que os viabilize social e economicamente no lugar.

Mesmo que a ideia seja do camponês, há um auxílio por parte das instituições públicas que colaboram com o desenvolvimento de ideias junto aos camponeses no município. A Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER), o Instituto Mineiro de Agropecuária (IMA), o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR), entre outros,

dialogam com as demandas camponesas e colaboram na assistência técnica. São parcerias que os encaminham para solicitação de crédito ao Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF) e na preparação dos silos, entre outras atividades.

No entanto, faz-se necessário reconhecer que a agricultura camponesa, em suas práticas, não se pauta em uma única lógica, mas em várias logicas sociais vindas de diferentes temporalidades sociais. *Nois tudo trabalha na roça, eu, meus filhos, minha esposa. O leite que tiramos, a mulher faz o queijo e o doce de leite, depois vendemos na cidade, tem um armazém que sempre compra*⁶.

A dinâmica da força de trabalho familiar é o principal fator de distinção dos camponeses no espaço rural. Eles buscam incorporar a renda familiar nas suas práticas socioprodutivas, pois cada membro da família recebe uma parte dos ganhos, e todos assumem o compromisso com o projeto familiar; portanto, todos têm participação nos rendimentos. *Nosso ramo é o leite. Tira leite de manhã e de tarde. Faz silo, arruma cerca, cuida dos bezerrinho. Aqui tudo tá envolvido. Então não para nunca prá ninguém fica sem ter o que fazê...*⁷.

O que é preciso entender na organização familiar é a lógica de participação efetiva de todos os membros, seja na produção ou no beneficiamento. E mais, observamos que também há participação de pessoas que não fazem parte diretamente da família, mas que são de confiança, como os vizinhos, o que nos revela algumas especificidades socioculturais dos camponeses em estudo.

Esses agricultores criam a partir de suas práticas sociais estratégias que tendem a suportar a precariedade do papel desempenhado pelo setor público, principalmente no que se refere ao seguro agrícola e aos sistemas de financiamento da agricultura camponesa. Por isso, precisam manter na comunidade um bom nome, principalmente entre aqueles que praticam relações de troca.

*Quando é hora de fazer silo a gente já vai combinando. A Gente faz na confiança. Então se o vizinho vem com o trator, com a gente dele e participa é sinal que ele confia na gente. Então é só fala que a gente vai e devolve a confiança. A gente precisa disso e daí que tudo funciona, na confiança.*⁸

⁶ Fala o Camponês 7, produtor de leite a respeito da produção de laticínios.

⁷ Camponês 7, sobre a rotina do trabalho com criação de gado.

⁸ Fala Camponês número 3 sobre a reciprocidade no trabalho entre os vizinhos.

Podemos, por assim dizer, afirmar que essa prática ajuda a manter os camponeses no lugar, mesclando, em diversas proporções, o tradicional e o moderno, para continuarem praticando uma agricultura baseada em valores campesinos.

Com a troca de serviços abrangendo e solucionando as suas demandas, eles conseguem existir em meio as várias tensões do meio rural, induzidas por tendências locais, nacionais, pela sazonalidade da própria natureza. Assim, eles reúnem várias capacidades e habilidades para lidar, habituar-se e se adaptarem às mudanças, sem perderem o seu lugar no espaço reocupado.

Essa capacidade de adaptação está ligada aos seus mecanismos sociais de absorção e reorganização que eles desenvolveram no lugar, indicando que o seu dinamismo é relativo e relacional a um ambiente marcado por mudanças constantes. As mutações são sociais, ecológicas, econômicas e políticas. Neste contexto, os camponeses experimentam as imposições socioeconômicas e reagem a elas a partir daquilo que conseguem reunir na família e na comunidade.

Por isso, consideramos que aqueles camponeses são resilientes a partir daquilo que conseguem acionar da sua cultura, das experiências socioprodutivas, das suas instituições, da ética e da moral campesina para resolverem suas demandas cotidianas. São pessoas capazes de lidar com as mudanças e com os imprevistos que a vida lhes proporciona/impõe. No meio rural, eles são capazes de tolerar as nuances que surgem, reorganizando-se para digerir/dirigir um novo conjunto de estratégias, equilibrando-se em um ecossistema de funções econômicas e culturais.

Culturalmente, a resiliência no meio rural pode ser retratada no apreço pela terra, na decisão de se manterem nela e fazer disso seu meio de vida. Por assim dizer, esses sujeitos recriam, reinventam técnicas, meios, modos de fazer aquilo que lhes é cabível no existir naquele lugar. Intrinsecamente, a força para (re)existir no lugar, está, justamente, na capacidade humana de se recuperar de situações de crise, até mesmo de aprender com ela. Como afirma Silva (2014):

Em tempos de mudanças climáticas e ambientais, além de sobressaltos socioeconômicos, é comum casos em que pessoas, comunidades e nações submetidas a fortes tensões, catástrofes e perdas foram capazes de suportar choques substanciais e se recuperarem em seguida. Essas pessoas são, em uma palavra, resilientes. (SILVA, 2014, p. 294-295).

Essa capacidade de processar a vida no lugar vem da combinação de diferentes tipos de conhecimento que os camponeses foram apreendendo e adaptando às demandas do seu tempo ao longo das gerações. Reconhecemos suas práticas atreladas ao meio, ou seja, eles têm uma grande capacidade de adaptação ecológica, são conhecimentos construídos junto ao ecossistema, ou, como escreve FOLK et al. (2003):

The focus of the volume is the study of the adaptability of social-ecological systems to meet change and novel challenges in navigating ecosystem dynamics without compromising long-term sustainability; that loss of resilience leads to reduced capacity to deal with change. Ecological resilience has been defined as the magnitude of disturbance that can be experienced before a system moves into a different state and different set of controls. (FOLK et al, p. 354).⁹

A passagem de Folk cita a capacidade de adaptação que os sistemas socioecológicos têm para atenderem às mudanças e aos novos desafios que as dinâmicas dos ecossistemas ocasionam, sem comprometer, em longo prazo, sua sustentabilidade. Dessa forma, sua magnitude pode ser definida como um fato experimentado antes mesmo que um sistema se mova para um estado diferente.

A reorganização da agricultura camponesa na comunidade a partir da produção de bezerros, usando o leite da mãe, por exemplo, é uma forma de efetivar o projeto familiar, usando o conhecimento acumulado para reduzir custos e obter a construção de poupança. Considerar os bezerros como poupança da família vem ressurgindo a partir das práticas sociais relacionadas aos seus costumes, inclusive de não descartar as crias dos bovinos, mas cuida-las para serem comercializados quando a família precisar.

A capacidade dos camponeses de se reorganizarem indica que a família assume novas atribuições a partir de possibilidades estabelecidas pela sociabilidade e percepção das tensões e oportunidades que surgem no lugar. A construção de poupança usando aquilo que se tem na propriedade gera segurança, pois deriva das iniciativas dessas pessoas, o que tem gerado estratégias e a possibilidades de crescimento da renda familiar.

⁹ Traduzindo a citação de Folk: O foco do volume é o estudo da capacidade de adaptação dos sistemas sócioecológicos para atender as mudanças e os novos desafios na dinâmica dos ecossistemas, sem comprometer a sustentabilidade em longo prazo; a perda de resistência leva à redução da capacidade para lidar com a mudança. Resiliência ecológica tem sido definida como a magnitude do distúrbio experienciado antes que um sistema entre em um estado diferente e em diferentes formas de controle. Fonte: Tradução da autora.

A experiência da tradição aliada a outros conhecimentos, inclusive científico, como no caso do uso do bezerro como poupança, constitui um dos patrimônios culturais não alienados no processo de reocupação e reordenamento socioprodutivo do cerrado.

A manutenção dos bezerros é parte de um processo criativo e que, pouco a pouco, vai indicando a necessidade de recorrer àquilo que os camponeses conhecem em profundidade. O manejo do gado leiteiro é parte de um conhecimento que eles já dominavam, uma vez que o gado já existia em seus currais, e a demanda por leite também, o que mudou foi a forma de criar os bezerros, a percepção de um cuidado a mais para melhorar a sua criação, usando o próprio leite da mãe e proporcionando economia de vários produtos. Assim, gera-se renda, incorporando-se trabalho criativo.

Os bezerros no modo de vida camponês têm a função fundamental para a economia da propriedade, uma espécie de poupança que lhe assegura renda nos momentos de necessidade, seja para atender imprevistos ou mesmo para potencializar os projetos da família.

Nesse contexto, os camponeses revelam a sua capacidade de acionar as suas cargas residuais, pois são capazes de lidar com as mutações do espaço a partir daquilo que conseguem adaptar as situações de momento. São sujeitos que conhecem a natureza do cerrado, as lógicas sociais da sua capesinidade e, mesmo que tenham pouca (ou nenhuma) instrução letrada, seguem experimentando técnicas e conhecimentos (MILESTAD; KUMMER & VOGL, 2009).

Desse modo, a resiliência no meio rural pode ser definida como a capacidade de adaptação às circunstâncias externas, de forma que se conquiste um nível socialmente satisfatório de vida. Também pode ser descrita por quão bem uma área rural pode equilibrar, simultaneamente, no ecossistema, funções econômicas e culturais (HEIJMAN et al., 2009).

Na comunidade em estudo, os criadores de gado leiteiro apresentam seus conteúdos resilientes na diversidade do lugar em que praticam suas atividades. Das práticas culturais às inovadoras técnicas de melhoramento dos seus produtos, eles conseguiram se readequar às novas exigências do mercado, não somente dos laticínios, mas também dos compradores de gado que comercializam seus bezerros.

O uso, a partir de práticas de adaptação, de algo que sempre esteve presente no lugar é um sinônimo de inovação, da capacidade desses camponeses em se adequarem às novas situações.

O camponês sabe que ele irá passar por períodos difíceis, e isso não é algo que ele prevê, mas que ele já vivenciou. Ter uma “gordurinha” para poder passar por esse período exige dele

uma racionalidade de poupar para poder usar, garantindo o sustento durante o período das “vacas magras”.

As particularidades no processo de criação de um “novo” produto referem-se à autonomia e compromisso de seus membros. Assim, a criação de bezerros como reserva de valor envolve outras atribuições, indica que esses camponeses processam as informações que chegam até eles, dando praticidade ao uso dos recursos que estão ao seu alcance. Isso significa que há na resiliência dessas pessoas, uma interação socioeconômica e ecológica com o lugar que se vive.

Na criação de bezerros, em nenhum momento cresceram-se produtos químicos. A introdução dos bezerros momentos antes da ordenha permite que o leite desça sem necessidade de aditivos químicos e biológicos. Ademais, os bezerros ficam junto das mães para evitar doenças e melhorar a nutrição deles.

Essa natureza dos animais gera outras conquistas com resultados que podem ter implicações no seu cotidiano. Para os camponeses, toda e qualquer alteração no ritmo de seu cotidiano podem ter diferentes resultados, sejam eles econômicos, sociais ou culturais. Nesse momento, as tradições e a identidade junto ao senso de comunidade assumem um papel importante na forma de “amortecer” os impactos que os grandes investimentos de capitais geram no lugar. *Nois num gosta desses veneno não. Nois usa o bezerro mesmo. Só por ele perto da mãe que ela solta o leite. Aí nois deixa ele mamá um pouco e depois tira. A mãe já fica esperando*¹⁰.

Explorar os recursos e os meios que eles têm para lidar com as tensões vividas no território implica na elaboração de estratégias que ajudam a revelar os conteúdos da resiliência daqueles camponeses. Eles criam e recriam saídas, basicamente, no ambiente familiar e, em certa medida, envolvendo a comunidade.

Todo o conhecimento adquirido a partir das diferenças socioprodutivas expostas pelos camponeses, constantemente, forma uma dinâmica de vida no lugar. Em geral, são desafios diários a que eles são expostos frente às mudanças socioespaciais determinadas pelos que personificam a lógica capitalista.

A partir desses fatores, as estratégias de resiliência em comunidade são formas de eles se protegerem, de não caírem em armadilhas como o endividamento econômico e ou a

¹⁰ Camponês número 5, sobre o uso de bezerros para facilitar a saída do leite da vaca.

dependência dos pacotes tecnológicos vindos e impostos da chamada Revolução Verde. Um caso clássico são as sementes produzidas por empresas como MONSANTO e CARGIL, as quais controlam a produção de sementes no mundo. Esse controle é legitimado a partir de um discurso cuja essência reside na geração de plantas saudáveis e de rápido desenvolvimento. Além da esterilidade das sementes, que não podem ser reutilizadas de forma ecológica e natural na reprodução das espécies comercializadas, elas representam um monopólio.

São várias as formas que o sistema dominante cria para subordinar o campesinato, e o mercado de sementes, controlado por algumas empresas mundiais, é um exemplo importante. O cuidado e a atenção em não perder as raças de gado leiteiro exigem esforços em continuar se adaptando ao cerrado; são percepções de pessoas ligadas e atentas ao que acontecem a sua volta.

Considerações finais

Neste trabalho, procuramos nos dedicar a compreensão do conjunto de sistemas que proporcionaram abranger a resiliência do camponês da Comunidade São Jerônimo, no município de Limeira do Oeste. Naquele lugar a (re)existência daquelas pessoas que vivem na pressão do agronegócio parece derivar dos conteúdos socioculturais que compõem as relações, ações e reações desses sujeitos, implicados na e pela solidariedade humana, pela troca e a ajuda mútua.

Nesse sentido, a concepção de ajuda que os camponeses constroem e asseguram entre si reúne relações dinâmicas e possibilidades de se manterem no lugar. Elas emanam do mundo camponês. Desse modo, eles criam sistemas de reciprocidades que orientam e estimulam suas existências frente aos conflitos que surgem no processo de reocupação do cerrado e de permanecer no lugar.

O mutualismo resgata nesses agricultores, a essência e a base do ser camponês. No campo, as paisagens indicam que o camponês se nutre de suas campesinidades. As diversas formas de produção e as lógicas que compõem o lugar São Jerônimo derivam também das expertises dos agricultores. Saberes e fazeres são acionados a partir de atos práticos que se revelam como competências e habilidades para fazerem os seus acordos. A partir dos relatos de seus moradores, esses acordos são tácitos e revelam relações e instituições participes das suas territorialidades.

As perspectivas socioculturais que constroem esses sujeitos do lugar São Jerônimo, indicam lógicas e temporalidades sociais ligadas a família, a comunidade e que alicerça a permanência daqueles camponeses em suas propriedades.

Enquanto camponeses, agem a partir do núcleo familiar e com as vizinhanças ratificando uma multiplicidade de interações, ressaltadas no processo de criação de seus rebanhos.

O que secunda o conceito de ser camponês nas propriedades pesquisadas é representado na forma com que essas pessoas se relacionam umas com as outras, no entendimento que elas têm sobre o mercado, sobre as alterações das estações climáticas e os imprevistos que ainda podem vir a acontecer.

Se por um lado temos camponeses com a mesma oferta de produtos, do outro, temos um trabalho conjunto que contribui para que todos extraiam das relações sociais formas de cooperação que lhes possibilitem segurança. Entre vizinhos e familiares creditam a suas ações, formas de conquistarem alguma segurança nos acordos e de não serem abandonados ou deixados vulneráveis no processo de sustentação da vida familiar.

Mesmo sendo propriedades privadas distintas, o mutualismo praticado resgata a consciência de que a luta individual para gerar trabalho e renda, é um caminho com limites que podem impossibilitar os seus projetos de vida. O exercício de construir e adaptar a ajuda mútua, ao contexto das demandas que vivem, como no preparo das silagens para o gado e na troca de serviços, lhes possibilita perceber que as parcerias podem continuar oferecendo condições de progredirem juntos. Elas se constituem em saídas que pode lhes afiançar melhores condições para continuarem desenvolvendo suas atividades socioprodutivas no lugar.

As redes mutualísticas que essas pessoas formaram, são exemplos importantes de cooperação, moldadas pela experiência de ser camponês em um mundo que não é planejado ou pensado para incluí-los.

Contudo, o papel dessa ajuda mútua é dinâmico, sendo fundamental aos camponeses criarem constantemente mecanismos de adaptações, inclusive para que eles continuem o processo de reorganização na comunidade. Eles desenvolveram uma rede alinhada com base na estabilidade e persistência de pessoas que buscam, nesse apoio, sua existência. Assim, eles precisam prosseguir afinados com seus projetos de vida para que as parcerias baseadas na resiliência camponesa possam continuar sendo praticada a partir da reciprocidade dos seus atos.

Referências Bibliográficas

BERKES, F. Understanding uncertainty and reducing vulnerability: lessons from resilience thinking. *Nat Hazards*, v. 41, p.283-295, 2007.

INACIO, J. B; SANTOS, R. J. O modo de produção rural redefinido pela usina sucroenergética em Carneirinho-MG. 2015. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/horizontecientifico/article/viewFile/24248/17349>. Acesso em: Agosto, 2016.

KROPOTKIN, P. A ajuda mútua: um fator de evolução. São Sebastião: A Senhora Editora, 2009

NEVES, F. O; MENDONÇA, F. Por uma leitura geográfico-cultural dos resíduos sólidos: reflexões para o debate na Geografia. *Cuadernos de Geografia Revista Colombiana de Geografia*, vol. 25, n.º 1. ISSN 0121-215X (Impreso) · 2256-5442 (En Linea). Bogotá, Colômbia, p. 153-169, Ene. -Jun. Del 2016.

SALAZAR, Alejandro H. Proposta metodológica de medição da resiliência agroecológica em sistemas sócio-ecológicos: um estudo de caso nos Andes colombianos. São Carlos: UFSCAR, 2012. 74f.

SCHNEIDER, Sérgio. Teoria Social, Agricultura Familiar e Pluriatividade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais – RBCS**, vol. 18 n.º. 51 fevereiro/2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v18n51/15988>>. Acesso em: ago. de 2016.